

Ética e Cobertura de Massacres em Escolas: discussões sobre o sensacionalismo no Jornalismo Policial¹

Ellen Darfnny de Souza LIMA²

Ligia Coeli Silva RODRIGUES³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este resumo expandido foi produzido como trabalho de conclusão da disciplina de Legislação e Ética, no curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). O objetivo é refletir sobre a problemática das abordagens sensacionalistas da imprensa em relação aos ataques e massacres envolvendo estudantes. Descrevemos como se deu a cobertura jornalística do Massacre em Suzano, que ocorreu na escola Estadual Professor Raul Brasil, no dia 13 de março de 2019, em São Paulo. Observamos publicações feitas em dois meios: no jornal, através da Folha de São Paulo, e na televisão, com uma notícia veiculada no Brasil Urgente, da TV Band.

Palavras chaves: Sensacionalismo; Ética; Imprensa; Cobertura Jornalística.

INTRODUÇÃO

Em março de 2019, o espaço estudantil que recebe o nome de Estadual Professor Raul Brasil, localizado em Suzano, no Estado de São Paulo, ganha notoriedade, em uma cobertura midiática que dura semanas, devido os assassinatos cometidos por dois ex-alunos: Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25. Ao todo, dez pessoas foram mortas – incluindo o adolescente e o homem envolvidos na ação – e onze saíram feridas. A partir desse fato, o nosso foco é observar como foi a cobertura midiática feita pelo jornal Folha de São Paulo e pelo Brasil Urgente, telejornal com foco em pautas investigativas e policiais e que vai ao ar na TV Band de segunda a sábado.

A ideia central desse trabalho é refletir sobre o modo como notícias que chocam o país são expostas pela mídia no jornalismo policial, considerando falhas de procedimento em relação aos códigos éticos da profissão, sinalizados pela Federação

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação em Jornalismo na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ellendarfnny@gmail.com

³ Doutora em Comunicação. Professora na Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: ligia.rodrigues@ufca.edu.br

Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Os meios jornalísticos aqui estudados feriram essas orientações éticas, e buscaremos discutir como isso foi feito.

Embora a abordagem, interesse e uso das imagens de violência no jornalismo inquietem pesquisadores há décadas, as discussões não se esgotam, à medida em que aparecem casos que nos mostram os possíveis limites para a exibição de cenas e conteúdos. Luís Costa Pereira Júnior (2006) alerta que não há método infalível para as exibições e abordagens desses conteúdos e que “[...] a multiplicação de imagens violentas fica no fio da navalha entre influenciar uma reação contra atrocidades e banalizar as imagens” (Pereira Júnior, 2006, p.75). Por esta razão, aspectos legais e éticos da profissão precisam ser acionados, dado que são regras para orientar, corrigir as intenções, direitos, ações e princípios profissionais.

DESCRIÇÃO E OBSERVAÇÃO: USO DE IMAGENS E NARRATIVAS

O primeiro caso a ser descrito é o do telejornal Brasil Urgente, transmitido pelo canal Bandeirantes (Band) e à época, sendo apresentado por José Luiz Datena⁴. O telejornal tem uma linha popular, com muitas entradas ao vivo de repórteres de várias capitais do país, mas notadamente de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Porto Alegre. Além das entrevistas, um dos recursos que marcam a cobertura jornalística é o uso de um helicóptero para a cobertura de tragédias. No dia 13 de março de 2019, instantes após o ocorrido em Suzano ganhar visibilidade nas redes sociais, a imprensa se desloca para cobrir o fato, visando obter exclusividade sob o ocorrido, e assim, compartilhar com o público as atualizações.

Nessa cobertura⁵, Datena chama repetidamente o vídeo onde revela o início do ataque aos alunos e funcionários da instituição. E, embora, as imagens estejam borradas para garantir a segurança das vítimas e preservar pessoas sensíveis a tais conteúdos, a estratégia utilizada foi de transmitir o vídeo repetidamente, utilizando-se das mesmas expressões de escárnio e horror, mais do que informar sobre os acontecimentos. Em um dos trechos, ele cita que “[...] óbvio que o momento da machadada a gente segura [...] que frieza, hein?”, mas embora não exiba as imagens, tece comentários enfáticos sobre a ação:

⁴ José Luiz Datena é um jornalista, locutor esportivo, apresentador de televisão, radialista, e político brasileiro. Ganhou notoriedade ao apresentar o Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes.

⁵ Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/brasil-urgente/videos/cameras-registram-momento-de-ataque-em-escola-de-suzano-16622898>

“matando as pessoas à sangue frio”, “momentos de terror”, “com uma frieza incrível”, “que momento de insanidade”, “o segundo canalha que fica aqui [...] os dois psicopatas, suicidas” e “ainda bem que esse canalha não estava com revólver” são algumas das frases ditas pelo apresentador.

Um ponto importante do programa que contribui para a ideia de que no dia seguinte o conteúdo passou por um tratamento jornalístico mais profissional, foi quando o programa expôs a decisão de não exibir o vídeo como havia sido veiculado no dia anterior. O roteiro, ainda assim, pratica uma cobertura antiética durante toda sua programação diária sobre o caso. Entre as transgressões, destaca-se a entrevista forçada⁶ em que o repórter da emissora alega que Tatiana Taucci, mãe de Guilherme Taucci, deve falar com a emissora para “defender a honra” da família.

A mulher caminha até a residência de seu filho, no dia do acontecido, enquanto tem a câmera e microfone colocadas, de forma incômoda, no seu rosto. “Você se sente culpada de alguma forma?” e “isso poderia ter sido evitado de que forma? Você poderia ter evitado, conversado com ele?” são frases ditas pelo repórter em tons quase acusatórios. Além disso, ele ultrapassa um limite da função jornalística quando praticamente apela para: “você quer ajuda, Tatiana? Você quer ajuda, alguma coisa?”. É possível perceber o desconforto da entrevistada, que a todo tempo tenta esconder o rosto e pede para que ele pare com as perguntas e desligue a câmera.

A entrevista, além de ser feita sem o consentimento de Tatiana, é compartilhada na programação da emissora e exposta nas redes sociais, tendo mais de 30 mil visualizações no canal do YouTube, o que incita comentários negativos referente a responsabilidade da mãe sobre as ações do filho. Por essa abordagem antiprofissional, é possível utilizar como base para sustentar a ideia de práticas antiéticas na cobertura de tal caso, o Código de Ética da Federação Nacional dos jornalistas, que cita:

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

Art. 6º É dever do jornalista:

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

⁶ Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/brasil-urgente/videos/mae-de-atirador-diz-nao-saber-o-que-motivou-atitude-do-filho-16622849>

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;

Art 7º O jornalista não pode:

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime; (FENAJ, 2007).

Expor à situação vexatória uma pessoa próxima a um dos assassinos, sem seu consentimento, é não levar em conta o dever do jornalista em ter responsabilidade frente às informações e dados levantados, além de transgredir os códigos da FENAJ, que visam regulamentar e apoiar o profissionalismo na imprensa brasileira.

Outro caso descrito e que ilustra essas discussões é a cobertura do jornal Folha de São Paulo. Além dos vídeos do ataque – que foi compartilhado em massa na maioria dos meios de comunicação – houve, nas matérias do periódico, a exposição de fotos⁷ mostrando a violência do ato. Apesar do aviso de que “a galeria a seguir contém imagens fortes”, a curadoria imagética poderia ter considerado questões éticas e dispensado a exibição desse conteúdo, mas deixa a escolha a cargo de quem lê e tem acesso às fotografias. Uma das imagens, que tem como legenda “corpo de um dos atiradores que atacou escola em Suzano e se matou em seguida” mostra, sem efeitos de borrões ou desfoques, a imagem explícita de um corpo no chão, com poças de sangue ao redor. Destaque-se que um deles era menor de idade, o que mesmo com uma possível permissão prévia de um responsável, valeria ser considerado qual o impacto e valor-notícia dessa imagem que não informa, tão somente choca.

O periódico revela as imagens em sequência, expondo o relato do que aconteceu, criando uma atmosfera de jornalismo policial bruto, que visa compartilhar os fatos através da exposição íntegra de conteúdos. Por conseguinte, carece expor, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros mais um vez, para retificar a argumentação crítica sobre a organização do jornal, quando ele promulga que:

Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista

Art. 11º O jornalista não pode divulgar informações:

II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes; (FENAJ, 2007)

⁷ Disponíveis em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1627900650032284-tiros-em-suzano>

Nesta mesma matéria, a Folha de São Paulo relata aspectos pessoais dos atiradores, informando suas lutas com pais ausentes e dependentes químicos, o *bullying* enfrentado no ambiente escolar e questões como o uso diário de videogames. Ao compartilhar tais informações da maneira que foi realizada, o jornal pode induzir e estereotipar a identificação de diversos adolescentes que passam por tais problemas, colocando praticamente uma relação de causa e consequência. Isso pode ser ilustrado com o título: “Obsessão por game, abandono dos pais e bullying marcaram vida de atirador”⁸.

Esses dois exemplos analisados nos levam a refletir sobre estratégias e escolhas de comunicação utilizadas por estes meios, que deveriam focar na tarefa de informar e no entanto, extrapolam limites. Entende-se que, nos dois casos, o Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas não foi cumprido e que infelizmente, não teve nenhuma consequência ou até mesmo fora percebido pela comunidade. Ao contrário, houve uma busca excessiva por esse tipo de jornalismo policial noticioso, sem pensamento crítico sobre as responsabilidades sociais, econômicas e políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisaríamos de mais indícios para afirmar que nas duas coberturas analisadas, o uso das imagens de câmeras de segurança e a divulgação delas em redes sociais foram considerados como fatores a pressionar a busca de novos ângulos e recortes para as narrativas. No entanto, consideramos uma preocupação e abordagem a ser colocada no radar de futuras pesquisas. Além da cobertura televisiva e fotojornalística, outros registros imagéticos relacionados ao caso foram incorporados às narrativas e alguns mostram de forma explícita e descuidada a cena do crime. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, depois de 20 anos de vigência, teve a sua última atualização feita no ano de 2007. No entanto, os dois casos analisados neste resumo expandido nos levam a refletir como, apesar da consistência e validade, essas regras já sugerem a realização de novos debates para sua atualização.

Um dos pontos que ilustra isso é o fato de o documento carecer de orientações que considerem o impacto de mudanças nas rotinas jornalísticas, considerando o uso de tecnologias da informação, especialmente na obtenção, acesso e divulgação de imagens

⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/obsessao-por-game-abandono-dos-pais-e-bullying-marcaram-vida-de-atirador.shtml>

– o que exige dos profissionais novos protocolos éticos e de transparência na obtenção e uso desses recursos. Muitas imagens aparecem apócrifas, sem autoria, o que nos leva a refletir sobre a responsabilidade de divulgação desses conteúdos e incorporação aos relatos jornalísticos.

Conscientes de que este trabalho não é capaz de responder de forma aprofundada todas as questões relacionadas ao tema, deixamos como sugestões para futuras pesquisas relacionadas à ética e jornalismo, a revisão e discussão de conceitos relacionados a ética, considerando as novas formas de se relacionar com as imagens. Para isso, as colaborações de sindicatos, professores(as) e jornalistas é fundamental, visando o reforço das reflexões éticas para o exercício qualificado do jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL URGENTE. (canal na plataforma Youtube). Exclusivo: imagens do momento do ataque. **Brasil Urgente**. Março, 2019. Disponível em: https://youtu.be/YCC_5sqhRrI

BEZERRA, M; LOPES, N; LUCIZANO, E. Ataque a tiros deixa mortos em escola de Suzano (SP). **Uol Notícias**. São Paulo, março, 2019. Disponível em: <https://threadreaderapp.com/thread/1105833231784595457.html>

EVANGELISTA, J. I. S. **Massacre em Suzano: Análise da cobertura jornalística no Programa Brasil Urgente**. Uberlândia, Minas Gerais, 2019.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. Código de ética dos jornalistas brasileiros. 2007.

MENA, Fernanda. Obsessão por games, abandono dos pais e bullying marcaram vida de atirador. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, março, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www1.folha.uol.com.br/amp/cotidiano/2019/03/obsessa-o-por-game-abandono-dos-pais-e-bullying-marcaram-vida-de-atirador.shtml>

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.